

### China: os profetas da desventura desmentidos sobre o custo do trabalho por Alberto Forchielli\*



Ao contrário de Cassandra, os profetas da desventura para a China foram, por agora, desmentidos. A força fria dos números não confirmou o perigo temido pelo custo da mão de obra. A previsão de que o país não pudesse continuar a produzir com salários extremamente baixos – extraíndo uma inegável posição de vantagem - era o pilar da profecia: quando aumentasse os custos do trabalho, a China se tornar-se-ia exposta, como todos, aos ventos da concorrência. A vidência conjugava-se com o presságio que seriam aumentados os salários e as condições de trabalho nas fábricas, que a máquina de produção e exportação seria dificultada e novo oxigénio seria disponível para as fábricas de outros países. Na realidade, as coisas têm-se demonstrado mais complexas e o resultado final coloca a China numa posição sempre competitiva. Na verdade aumenta a produtividade do trabalho, um índice incontestável para medir o *clup*, o custo do trabalho por unidade de produto. É este último o verdadeiro *benchmark* para medir a competitividade de um país.

Na última década do passado milénio, o aumento da produtividade foi de longe muito maior ao dos salários. A China ainda estava na fase inicial de industrialização, quando eram grandes as migrações de áreas rurais para a cidade. Um exército de ex-camponeses, muitas vezes sem conhecimento industrial, foi usado nas fábricas, expostos a situações de trabalho novas e estranhas à tradição do país. Desacostumados com os ritmos das fábricas, desvinculados das ocupações agrícolas, só com dificuldade aprenderam as técnicas e os segredos da mecânica. A produção era freqüentemente alta, mas resultado de longas horas de trabalho, através da aplicação sistemática de tarefas, não da capacidade individual. Os baixos salários têm sido impostos por Pequim, como parte de um quadro político económico decidido a impor a força económica do país na globalização. Dado o nível inicialmente baixo, a produtividade cresceu rapidamente, num aumento que foi acelerado nos últimos anos. O nível de educação geral melhorou, a mais moderna tecnologia já está disponível, as infra-estruturas estão em níveis de excelência, deu-se uma racionalização geral do sistema. Por conseguinte, até o aumento do custo do trabalho teve um impacto menor. Mesmo os substanciais aumentos salariais dos últimos 10 anos foram compensados 80% pelo aumento da produtividade.

A China é agora um país com grande capacidade produtiva, onde coexistem as fábricas mais sofisticadas com as mais atrasadas. Os aumentos salariais são instrumentais ao encerramento das fábricas de trabalho intensivo. Por outro lado também desencoraja o investimento estrangeiro do qual a China já não tem necessidade. Na realidade, alguns sectores da indústria transformadora - os mais tradicionais - estão expostos a perigos iminentes, enquanto para a economia do setor terciário e da construção civil é previsto estarem quase isentos do aumento do custo da mão de obra.

Parece evidente o trajeto de Pequim: gerir um problema antes de se tornar subjugado, pode fechar algumas fábricas, o desemprego pode aumentar temporariamente, mas a estrutura produtiva do país irá resultar mais moderna e inatacável.

---

\*Presidente de Osservatorio Asia